

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO E FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS E INTERDISCIPLINARES

MARIA DAS GRAÇAS SOUSA MUNIZ

**O PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL I**

João Pessoa – PB  
2014

MARIA DAS GRAÇAS SOUZA MUNIZ

## **O PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Especialista em Educação.

**Área de Concentração: Cotidiano Escolar Práticas Pedagógicas.**

**Orientadora:** Rosilene Agapito da Silva Llerena

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M966p Muniz, Maria das Graças Sousa  
O processo de leitura e escrita no ensino fundamental I  
[manuscrito] : / Maria das Graças Sousa Muniz. - 2014.  
31 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:  
Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da  
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à  
Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Rosilene Agapito da Silva Llarena,  
Departamento de Educação".

1. Leitura e escrita. 2. Ensino fundamental. 3. Ludicidade.  
4. Gêneros textuais. I. Título.

21. ed. CDD 372.623

O PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL I

MARIA DAS GRAÇAS SOUSA MUNIZ

Monografia apresentada ao Curso de Especialização da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Especialista em Educação.

Área de Concentração: Cotidiano Escolar Práticas Pedagógicas.

Aprovada em: 26/07/ 2014

Banca Examinadora:

Rosilene Agapito da Silva Llerena

Prof.ª Ms. Rosilene Agapito da Silva Llerena  
(Orientadora)

Mônica de L. N. Santana

Prof.ª Dr.ª Mônica de Lourdes Neves Santana  
(Examinadora)

Eneida M.ª G. de Araújo

Prof. Ms. Eneida Gurgel Araújo  
(Examinadora)

Dedico este trabalho a DEUS, como também aos meus pais (*in memórian*), esposo, filhos, netas, genro e noras, enfim, a todos os meus familiares.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS, por me dar, coragem, saúde e sabedoria, para conseguir realizar mais um sonho.

Ao mau esposo Wanderley, pela compreensão, ajuda e carinho.

Aos meus pais Manoel e Francisca (*in memórian*), que sempre me apoiaram e me incentivaram a estudar.

Aos meus filhos, Kelline, Kênnio e Kennedy, que sempre me compreenderam e torceram por mim.

As minhas irmãs, Margarete, Maria Goretti e Marineide que sempre estiveram comigo em todos os momentos.

A minha orientadora Rosilene, pelos conhecimentos repassados para a construção deste trabalho, com disponibilidade, carinho e atenção.

A todos meus familiares, que direta e indiretamente me ajudaram, especialmente à minha sobrinha Aline e ao meu sobrinho Diego que sempre foram gentis e carinhosos, me ajudando com seus esclarecimentos.

As colegas do curso, pelo apoio e conquista de novas amizades.

## RESUMO

MUNIZ, Maria das Graças Sousa. **O processo de leitura e escrita no ensino fundamental I.** João Pessoa, 2014. 32 f. Monografia de Especialização – Curso de Especialização Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares, Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2014.

O processo de aquisição de leitura e escrita pelas crianças do Ensino Fundamental I tem sido refletido pelos educadores que atuam na área de forma bastante extensa. As metodologias aplicadas, as dificuldades apresentadas pelos alunos, o despreparo do professor, entre outros, levam-nos à necessidade de adentrar pelos preâmbulos da leitura e escrita nesta fase da educação escolar. Diante de situações concretas em sala de aula, e de acordo com o contexto sócio cultural em que a criança se insere, este estudo, de natureza bibliográfica, propõe a oportunidade de entendimento do processo ensino-aprendizagem da leitura e escrita, compreendendo e conhecendo o mundo infantil. Para tanto, nos debruçamos em alguns artigos de relevância e textos de livros que nos deram subsídios para estes escritos. Estes estudos têm os objetivos de refletir o ensino da leitura e escrita, identificando metodologias que auxiliam no ensino-aprendizagem do ensino fundamental I; compreender a funcionalidade da leitura e escrita nos meios sociais; reconhecer as especificidades de diferentes gêneros textuais, como poemas e letras de músicas, assim como as da ludicidade no processo de apreensão da leitura e da escrita. Para tanto se dividiram em dois momentos fundamentais: a primeira levou-nos à compilação, seleção e classificação dos textos a serem estudados; a segunda levou-nos à reflexões sobre os pensamentos dos autores escolhidos. Sendo assim, se divide em três partes: a primeira introduz a pesquisa e apresenta nossos motivos de escolha do tema, além dos objetivos; a segunda retrata o problema de nossa pesquisa frente aos conceitos educacionais de leitura e escrita; e, a terceira trata das práticas pedagógicas de leitura e escrita no Ensino Fundamental I.

**Palavras-chave:** Leitura e Escrita; Ensino Fundamental; ludicidade; Gêneros textuais.

## ABSTRACT

MUNIZ, Maria das Graças Sousa. **The reading and writing process in basic education I.** João Pessoa, 2014. 32 f. Specialization Monograph – Education Fundamentals Specialization Course: subjected pedagogical practices, Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2014.

The reading and writing acquisition process for children in Basic Education I reflects the hard work that educators performs in this area. The applied methodologies, the student learning difficulties, and the teacher lack of qualification, among others, are factors that led us to the necessity to enter in the preamble of the reading and writing acquisition process in this stage of scholar education. Faced with the factual situation of teaching, and accordingly with the socio-cultural context in what students are immersed, this bibliographical study supports the comprehension of the reading and writing acquisition inside the learning and teaching process, knowing and understanding the children's world. In this sense, we selected relevant papers and books toward to subsidiary this research. This study proposes: to reflect about the reading and writing acquisition process, identifying methodologies that assist the learning and teaching process adopted in Basic Education I; to comprehend the reading and writing function in social backgrounds; and, to recognize distinctiveness in textual genders, like poems and lyrics, and recreational characteristics of the reading and writing acquisition process. To achieve these goals, two actions were performed: the first, to select, classify and compile the texts to be used in this study; and, the second, to reflect about the authors thinking. As result, a bibliographical study was produced. This work is presented into the following sections: the first, by introducing this research, presenting the motivations and objectives; the second, by developing the research problem in face of the reading and writing educational concepts; the third, by showing the pedagogical practices in reading and writing acquisition process for the Basic Education I; and, at last, some conclusions.

**Keywords:** reading and writing acquisition process; basic education; recreational characteristics; textual genders.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E / OU SIGLAS**

FCC	Fundação Carlos Chagas
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNAIC	Pacto Nacional pela alfabetização na Idade Certa
PPSI	Programa Primeiros saberes da Infância
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>06</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>07</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS E / OU SIGLAS.....</b>	<b>08</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1 Justificativa.....	11
1.2 Objetivos.....	12
<b>2 O PROBLEMA DA PESQUISA FRENTE AOS CONCEITOS EDUCACIONAIS DE LEITURA E ESCRITA.....</b>	<b>13</b>
2.1 O problema de pesquisa.....	13
2.2 O processo de leitura e escrita no ensino fundamental I: breve diagnóstico da realidade das escolas públicas brasileiras.....	14
2.3 Os desafios do educador frente ao processo de leitura e escrita no ensino fundamental I.....	15
2.4 Conceitos, abordagens e discussões sobre leitura e escrita.....	16
2.5 Alfabetização e letramento no ensino fundamental I.....	20
2.6 A formação do professor frente ao processo de aquisição da leitura e escrita .....	21
<b>3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL I.....</b>	<b>24</b>
3.1 Atividades didáticas diferenciadas.....	24
3.2 O trabalho com gêneros textuais: uma possibilidade inovadora da prática educativa junto ao processo de aquisição da leitura e escrita.....	26
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O processo de aquisição de leitura e escrita pelas crianças do Ensino Fundamental I, tem sido refletido pelos educadores que atuam na área de forma bastante extensa. As metodologias aplicadas, as dificuldades apresentadas pelos alunos, o despreparo do professor, entre outros, levam-nos à necessidade de adentrar pelos preâmbulos da leitura e escrita nesta fase da educação escolar.

Bem sabemos que a criança precisa de atividades lúdicas para aquisição do processo de aprendizagem, facilitando o seu desempenho e conhecimento. Então, é fato o desenvolvimento da leitura e escrita será mais fácil se acrescido à ele a ludicidade.

Este processo integrará a criança em seu meio social, dando-lhe oportunidade de utilização de diversos tipos de linguagem, o que a levará a expressar-se mais facilmente e internalizar ações e informações, favoráveis ao desenvolvimento humano numa perspectiva harmoniosa, determinadas pela sociedade.

Assim o processo de alfabetização e letramento assume destacado papel no processo educativo da criança, influenciado por condicionantes sócio-culturais que atuam decisivamente na relação indivíduo-sociedade.

Diante de situações concretas em sala de aula, e de acordo com o contexto sócio-cultural em que a criança se insere, este estudo, de natureza bibliográfica, propõe a oportunidade de entendimento do processo ensino-aprendizagem da leitura e escrita, compreendendo e conhecendo o mundo infantil. Para tanto, no debruçamos em alguns artigos de relevância e textos de livros que nos deram subsídios para estes escritos.

As pesquisas bibliográficas, de acordo com Prodonov e Freitas (2013), são aquelas elaboradas à partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Desta forma, a presente pesquisa é classificada como um estudo bibliográfico por tratar do tema de leitura e escrita a partir da visão de vários autores da área.

Estes estudos bibliográficos se dividiram em dois momentos fundamentais: a primeira levou-nos à compilação, seleção e classificação dos textos a serem estudados; a segunda levou-nos à reflexões sobre os pensamentos dos autores escolhidos.

Sendo assim, além desta parte inicial este trabalho se divide em duas partes:

- a) a primeira retrata o problema de nossa pesquisa frente aos conceitos educacionais de leitura e escrita;
- b) a segunda trata das práticas pedagógicas de leitura e escrita no Ensino Fundamental I.

## 1.1 Justificativa

Além do fator pessoal de enriquecimento teórico para melhorar nossa prática educativa enquanto educadora da fase estudada, este estudo se justifica por dois outros grandes motivos: o primeiro é pela percepção de que tem-se observado que o ensino da leitura e escrita é muito relevante no curriculum escolar, considerando que esse processo, quando bem executado e assimilado pelo aluno, é um ponto favorável ao desenvolvimento da criança nos anos seguintes. Desta forma é notória, a preocupação para que a criança desempenhe com sucesso a competência de boa leitura e escrita já nos primeiros anos de escolaridade.

Tomando como base o entendimento de Piaget (1974) e Vygotsky (1987) a aprendizagem ocorre por meio da atividade do sujeito aprendiz. Ele é ativo nessa construção de aprendizagem e na interação com o outro, embora alguns aspectos sejam considerados entraves, considerando a dimensão cultural nessa interação, a exemplo, a linguagem e a comunicação por seus interlocutores.

Nesse aspecto, a formação do professor, no seu papel de mediador, é fundamental para orientar o educando nas suas produções de textos orais e escritos, e de diferentes gêneros textuais como poemas e letras de músicas.

O segundo motivo é o fator de entendermos que alfabetizar crianças é uma tarefa complexa, mas, se planejada, usando-se metodologias dinâmicas, pode-se trocar conhecimentos de forma prazerosa, auxiliando na leitura e escrita fluente dos alunos, mobilizando com rapidez o repertório de correspondências entre letras e grupos de letras e formas já construídas.

Desta maneira, acreditamos que o processo de alfabetização e letramento das crianças pode vir a ser uma grande oportunidade de aprendizagens significativas.

É a partir desse olhar que optamos em estudar o processo de leitura e escrita sabendo-se que este processo é essencial para a aquisição de conhecimentos e para enriquecimento da capacidade de comunicação, e que muitos não conseguem usufruir deste aspecto importante.

## 1.2 Objetivos

Geral:

Refletir o ensino da leitura e escrita, identificando metodologias que auxiliam no ensino-aprendizagem do ensino fundamental I.

Específicos:

- Compreender a funcionalidade da leitura e escrita nos meios sociais;
- Reconhecer as especificidades de diferentes gêneros textuais, como poemas e letras de músicas, assim como as da ludicidade no processo de apreensão da leitura e da escrita.

## **2 O PROBLEMA DA PESQUISA FRENTE AOS CONCEITOS EDUCACIONAIS DE LEITURA E ESCRITA.**

As questões relacionadas ao aprendizado da leitura e escrita dos educandos do Ensino Fundamental I tem sido tema de muitas discussões e debates, com especial destaque para a condução das práticas pedagógicas utilizadas nas salas de aula que, acreditamos, contribuem na compreensão desse processo.

De acordo com as considerações de NICOLAU (1995) o educador ligado a educação de crianças precisa desenvolver o olhar no processo no sentido de entender as variantes que impedem a realização do desenvolvimento da leitura e escrita, pois em diversos momentos, estes se revelam como essenciais objetos de investigação que demarcam a necessidade e novas ações pedagógicas, diante do quadro estabelecido na sociedade.

Desta forma, boas práticas pedagógicas são fundamentais para o melhor desempenho do aluno quanto a leitura e escrita no ensino fundamental I.

### **2.1 O problema de pesquisa**

Tido o exposto nosso problema de pesquisa se pauta na seguinte pergunta:  
**Quais as práticas pedagógicas de aquisição da leitura e da escrita no Ensino fundamental I?**

Este problema central levam-nos à outras questões que também nortearam este estudo de natureza bibliográfica:

- a) Práticas de ludicidade auxiliam na concretização do processo de leitura e escrita?
- b) Quais os conceitos de alfabetização e letramento?
- c) Como deveria acontecer o processo de aquisição da leitura e da escrita de maneira significativa?
- d) O trabalho com gêneros textuais diversos auxiliam na aquisição da leitura e da escrita?

2.2 O processo de leitura e escrita no Ensino Fundamental I: breve diagnóstico da realidade das escolas públicas brasileiras.

As escolas públicas brasileiras apresentam um quadro preocupante sobre o processo de leitura e escrita no Ensino Fundamental I: crianças em idades diversificadas numa mesma sala, dificuldades de leitura e escrita, falta de metodologia adequada, defasagem na formação do professor, falta de recursos educacionais, sistema de ensino também defasado, entre outras problemáticas.

Toda essa problemática apresenta grande necessidade de mudança frente ao processo de aquisição de leitura e da escrita pelas crianças das primeiras séries do Ensino Fundamental.

Para sanar essas dificuldades, o governo brasileiro tem implantado programas voltados para a aquisição da leitura e da escrita, a exemplo do Pacto Nacional pela alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e do Programa Primeiros saberes da Infância (PPSI). Lembramos que o conhecimento desses e outros programas não constituem nosso objeto de estudo.

Concomitante à isto, as pesquisas sobre o processo de leitura e escrita, tanto na área da linguística como na psicologia, apontam para necessidades urgentes de mudanças na concepção que se tinha até então de escrita e de leitura.

Leite (2001) destaca que as contribuições da linguística na forma de compreender as relações entre linguagem oral e escrita, impulsionou uma revisão das práticas pedagógicas envolvendo o ensino da escrita na escola. Da mesma forma, as contribuições da psicologia, influenciam grandemente o trabalho com a alfabetização na escola.

Os estudos sobre letramento trouxeram para o novo cenário a questão das práticas sociais de uso da linguagem em sua modalidade oral e escrita, enfatizando os diversos gêneros discursivos e os processos de interação entre as pessoas destacando não apenas o conjunto das práticas sociais envolvendo a escrita e a leitura, mas também os impactos produzidos em um sujeito individualmente, em um grupo de sujeitos ou em uma sociedade inteira, em função da participação nessas práticas.

Neste contexto, o que precisa ser percebido é que o Ensino Fundamental, em sua fase inicial, é essencial para o desenvolvimento da autonomia e continuação do percurso pela busca de bons leitores. Do 1º ao 5º ano, o melhor é estimular a troca de livros e de

opiniões sobre o que se lê. É importante intercalar a leitura feita pelo professor com momentos em que todo devem ler sozinhos, tanto na escola como em casa. Mais produtivo para quem quer formar leitores, é organizar rodas para o compartilhamento de opiniões, propor trocas de livros entre os colegas e incentiva-los a seguir um autor ou um tema de que gostem.

Atividades como essas ainda acontecem de maneira precária nas escolas públicas brasileiras. As perguntas que os professores de escolas públicas precisam se fazer antes de iniciar o trabalho de desenvolvimento da leitura são: Por que ler? Quem lê? Como ler? Quando ler? O que ler?

A resposta à essas perguntas podem sim influenciar de maneira positiva o processo de ensino-aprendizagem nas escolas públicas.

### 2.3 Os desafios do educador frente ao processo de leitura e escrita no ensino fundamental I

Segundo Freire (1982), os educadores sabem que alfabetizar é uma tarefa difícil e sujeita as inúmeras variáveis, tais como fatores pedagógico, psicológicos, sociais, linguístico e outros que não se revelam, explicitamente, porém somatizam na totalidade do processo tornando-se favorável seu estudo numa perspectiva científica, visando oferecer aos educadores, condições de intervir positivamente na elaboração de propostas conciliatórias que atendam a necessidade das crianças no estágio de alfabetização. Os professores são mediadores e os alunos sujeitos dessa construção.

Sabe-se que o processo de desenvolvimento infantil depende individualmente de cada criança, ou seja, de suas experiências e das construções cognitivas que realiza no ambiente em que interage, e o educador nada mais é do que um mediador em todo esse processo, já que estimula o educando através de métodos que se adequem ao seu meio e o auxilie a ser o agente de sua própria aprendizagem.

Um dos grandes desafios do educador é promover métodos e técnicas adequados ao processo de aquisição da leitura e da escrita, além de proporcionar experiências significativas de aprendizagem aos educandos.

Sabemos também que são poucas as escolas que têm priorizado a leitura, no sentido amplo, ou seja, possibilitar que a criança tenha conhecimento não só das letras, mas principalmente, do significado, já que somente desta forma terá capacidade de compreender, interpretar e transpor, oralmente, ou de forma escrita, seu entendimento e seu sentimento. Saber ler e escrever é condição básica para a aquisição de conhecimentos e para enriquecimento da capacidade de comunicação.

No cotidiano da sala de aula, professores devem buscar formas de tornar o ensino mais eficaz e também mais estimulante. Uma das alternativas é aliar o prazer e o divertimento à aprendizagem. Porém nem sempre isso é fácil, mesmo porque os interesses e as solicitações das crianças são bem diversas, e não são todas as situações de ensino-aprendizagem que possibilitam um trabalho com dimensões lúdicas na escola.

No caso específico de jogos e brincadeiras, quando direcionadas para a alfabetização e o ensino da língua materna, Leal (2006, p.6) acredita que “isso é perfeitamente possível, por meio delas integram-se o prazer e o aprender, sabor e saber”

O autor relata que o uso de jogos e brincadeiras podem auxiliar o professor a promover um aprendizado, onde se integram o prazer e o aprender. Aprender de forma lúdica é perfeitamente possível no ensino da língua portuguesa. Portanto, as atividades lúdicas devem ser bem planejadas e orientadas por objetivos concretos.

#### 2.4 Conceitos, abordagens e discussões sobre leitura e escrita.

No que concerne ao processo de aquisição da leitura e escrita muitos enfoques são discutidos. Além de ser considerado construção sociocultural ainda pode-se enveredar pelo o viés biológico.

Para Kato (2005) “a aquisição da leitura obedece, até certo ponto a um desenvolvimento biológico” em que a criança herda geneticamente a predisposição obtida pelos processos socioculturais de aprender os signos linguísticos. Esses e outros enfoques sobre o tema demonstram a complexidade de tal processo, que não pode ser reduzido a formas de memorização e mecanização.

Se a descrição e a explicação do processo de ler e escrever envolve tantas abordagens, é de esperar que haja uma quantidade proporcional de “teorias”, ou

concepções, sobre sua aprendizagem, o que torna difícil, para não dizer impossível, definir uma política geral de ensino da leitura que leve em conta todos ou uma boa parte dessas concepções.

Godman (1991, p. 8) define a leitura como “um processo psicolinguístico através do qual o leitor, um usuário da língua, reconstrói, o melhor que pode, uma mensagem codificada por um escritor com uma determinada disposição gráfica”.

Par o autor esta reconstrução

assume as características de um processo cíclico envolvendo operações complexas de amostragem, previsão, teste e confirmação, a partir da construção inicial de uma hipótese sobre a mensagem de um texto. O bom leitor, tirando partido dos aspectos redundantes da linguagem, faz a reconstrução de um texto completo recorrendo apenas a uma parte do material gráfico, como que envolvido num processo de reprodução de uma réplica da mensagem textual – uma análise pela via síntese. (GODMAN, 1991, p.8)

As definições do autor, expostas aqui em síntese, foram sendo construídas como base na investigação empírica de origem diversa.

Para Frank Smith (1991), a leitura letra-a-letra ou palavra-a-palavra é altamente deficitária, na medida em que o sentido de uma palavra tenderá a ficar esquecida antes do leitor atingir o sentido da palavra seguinte. Isto é, as técnicas de leitura apoiadas na individualização dos elementos do discurso não são susceptíveis de criar no leitor relações significantes.

De acordo com o acima exposto, a leitura consiste numa interação, mais ou menos frutífera, entre três fatores: capacidades conceituais de nível superior, conhecimento de base e estratégias processuais.

Entende-se assim, que a leitura é um processo ativo. No ato de ler, o receptor de qualquer texto constrói uma expectativa preliminar sobre o material impresso, e depois seleciona as chaves mínimas e mais produtivas para confirmar ou rejeitar essa expectativa. É pelo processo de amostragem, enfatizado por Godman (1991), que o leitor tira partido do seu conhecimento do vocabulário da síntese, do discurso e do “mundo real”. Processo complexo, cujo êxito depende da coordenação de uma série de capacidades específicas onde a leitura de ser vista, igualmente, como um fenômeno duplo que envolve um processo (o compreender) e um produto (a compreensão).

Um dos possíveis caminhos para a leitura envolve a interação entre pensamento e linguagem. A capacidade de ler depende da relação que cada leitor consegue estabelecer entre o seu conhecimento linguístico e o mundo. A leitura é a chave do conhecimento, quer se faça de um texto, quer da realidade mais ampla: o mundo.

Para Freire (2008, p.11) “a leitura do mundo procede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela”. As tarefas de leitura devem ser consistentes com o conhecimento do mundo do leitor, ou então o professor terá que preencher os vazios existentes antes da tarefa ter início.

A escrita se notabilizou mais recentemente, substituindo os métodos de leitura auditiva pelos visuais, em comunicar e receber ideias. A partir daí, também, a escrita foi atribuída, de fato, funcionar como autêntica fortaleza para as classes sociais dominantes, tendo como grande aliada a escola, quando essa instituição deu prioridade ao ensino da linguagem escrita, considerando-a como a verdadeira língua.

Os privilégios do ensino da escrita em detrimento do ensino da oralidade, são sentidos e vistos por seus usuários e por todos aqueles que se preocupam com o seu desenvolvimento com uma grande falha no modelo de ensino da atualidade. Afinal é discutível a importância da linguagem oral para o processo de interação humana.

Há algumas décadas, as características da escola permitiam, com toda a certeza, o acesso à leitura tanto ao professor quanto aos alunos. Historicamente é fácil, a partir daí, observar que as mesmas leituras feitas pelos professores eram também, feitas pelos alunos, suprindo-se, então, o problema de níveis de linguagem. Afinal, o acesso às poucas escolas só era permitido a uma pequena parte da população que já trazia do seio da família todo um conhecimento linguístico proporcionado por leituras anteriores.

Atualmente com a massificação da escola, as salas de aula recebem alunos de todas as camadas sociais, apresentando uma série de variedades linguísticas que devem ou deveriam ser trabalhadas pelos professores. Esses professores advindos de várias camadas da sociedade, com suas características linguísticas, problemas de formação, com pouca ou sem nenhuma leitura, reproduzem o sistema pernicioso e preconceituoso acerca da linguagem que é tida como padrão pela escola.

O conceito de leitura do passado (e sabemos que não é tão passado assim), segundo Rego (1998) tinha como princípio a organização da subjetividade do leitor em formação. Essa ideia comungava com uma visão reducionista de um ensino que acredita no processo de aprendizagem como uma sequência de repetições.

O estudante era visto como um ser em formação e sua bagagem não era muito considerada na construção de seu conhecimento. Estava ali apenas para receber informações e memoriza-las, sem a possibilidade de um exercício da crítica.

Dentro dessa perspectiva educacional, a leitura ficava restrita ao sinônimo de alfabetização, ou melhor, de decodificação. Alfabetizar era tornar o estudante apto a decifrar e decodificar o signo escrito a ter fluência sobre ele.

A escola perdia de vista que a linguagem é uma forma de interação social e tornava a leitura uma mera repetição técnica. Seu papel se resumia em ser sistematizadora de trivialidades: regras e normas.

## 2.5 Alfabetização e letramento no ensino fundamental I

O processo de alfabetização tem passado por muitas propostas e transformações nas últimas décadas. No Brasil, especialmente a partir da década de 1970, os estudos psicogenéticos de Piaget interferiram radicalmente na visão que se tinha a respeito da aprendizagem. O foco dos estudos passa então do processo de ensinar para o processo de aprender, vinculado ao desenvolvimento do indivíduo.

Como resultado dessas reflexões, a partir da década de 1980, Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1988), desenvolveram estudos e pesquisas sobre o aprendizado da escrita – a psicogênese da língua escrita – alterando profundamente a visão sobre os processos de alfabetização.

A partir desses estudos, a alfabetização deixa de ser considerada mero processo de codificação e de decodificação de sinais gráficos no ensino da leitura e escrita, a compreensão da função social da escrita assume o papel de eixo estruturador onde o aluno passa a ser sujeito de seu aprendizado e, no processo, atribui significados à escrita além de compreender o contexto em que a escrita se insere e dos processos de interlocução real que fazem uso da leitura e da escrita para a comunicação.

Historicamente, o conceito de alfabetização se identificou ao ensino-aprendizado da “tecnologia da escrita” quer dizer do sistema alfabético de escrita, o que, em linhas gerais, significa, na leitura, a capacidade de codificar os sons da fala, transformando-os em sons gráficos.

Já o processo de letramento, segundo Soares (1998) vem o latim que na versão Língua Inglesa *literacy*, significa estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever.

Para muitos autores o termo não substitui a palavra alfabetização mais está associada a ela. Mas, para a autora,

alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. (SOARES, 1998, p.47)

Atualmente os avanços das pesquisas na área da psicogenética, associadas às pesquisas nas áreas da linguística, da linguística textual, da análise do discurso, da psicologia, da psicopedagogia e da sociolinguística, trouxeram para a reflexão os processos e alfabetização inicial práticas pedagógicas que não apenas envolvem a criança no estudo-apropriação do sistema de escrita, como também, a levam, desde o início do processo de escolarização, a vivenciar as práticas de leitura e de escrita como práticas sociais relevantes para o seu desenvolvimento, pois estão contextualizados em situações reais de uso.

O envolvimento de práticas sociais reais de uso leva a escola a refletir sobre outra exigência: as práticas sociais de letramento e alfabetização que têm sua gênese em práticas culturais que não podem ser ignoradas pela escola sob risco de alienar o processo educativo da sociedade em que o cidadão está inserido. A leitura e a escrita são frutos também dessas práticas e por isso é preciso pensar sobre a alfabetização numa dimensão mais ampla do que o processo específico de apropriação do sistema alfabético de escrita. Daí a relevância de letramento.

As pesquisas sobre alfabetização e letramento se intensificaram da década de 1980, e, atualmente é consenso que os conceitos de letramento e alfabetização são indissociáveis.

Para o Pró-Letramento (2008 p.12)

Não se trata de escolher entre alfabetizar ou letrar, trata-se de alfabetizar letrando. Também não se trata de pensar os dois processos como sequenciais, isto é, vendo um depois outro, como se o letramento fosse uma espécie de preparação para a alfabetização, ou então, como se a alfabetização fosse condição indispensável para o início do processo de letramento.

Entendida como domínio de uma tecnologia (a escrita), a alfabetização é um processo pontual cujo término pode ser identificado. O processo de letramento porém, é constante. Da mesma forma que ele pode se iniciar quando a criança ainda não está alfabetizada, ele continua seu curso de desenvolvimento quando a alfabetização se encerra.

Se é verdade que a escola tem um papel fundamental nesse processo, promovendo o acesso ao universo letrado e à compreensão do seu funcionamento, também é inegável que o processo de letramento ocorre e se diversifica em outras agências de letramento, como as instituições religiosas, os espaços de convivência, os equipamento de lazer e cultura, família etc.

O desafio que se coloca para os primeiros anos da Educação Fundamental é o de conciliar esses dois processos, assegurando aos alunos a apropriação do sistema alfabético-ortográfico e condições possibilitadoras do uso da língua nas práticas sociais de leitura e escrita.

Alfabetização e letramento são processos diferentes, cada um com suas fases e especialidades, mas complementares e inseparáveis, ambas indispensáveis. Então, a ação pedagógica mais adequada e produtiva é aquela que contempla, de maneira articulada, e simultânea, a alfabetização e o letramento.

## 2.6 A formação do professor frente ao processo de aquisição da leitura e escrita.

Hoje é bastante comum ouvirmos falar da importância da formação inicial e continuada dos professores. De fato, compartilhamos com Nóvoa (1999) a visão de que não há ensino de qualidade, nem reforma educacional, nem inovação pedagógica sem uma adequada formação de professores.

Schnetzler e Silva (2000) defendem que a formação inicial e continuada dos professores devem ocorrer pelo menos por três razões. A primeira, por acreditarem no aprimoramento profissional e na possibilidade que oferece. A segunda, pela possibilidade de diminuição do espaço entre a produção científica educacional e a sala de aula. E, finalmente a terceira, porque apostam na formação de professores como fator que se torna profissional menos técnicos e mais autônomos.

Para tanto, segundo Solé e Coll (2006) Na formação de professores, então, ensinar e aprender, num contexto de prática reflexiva, não pode mais considerar apenas quem é formado, e sim a interação que há entre ambos para a construção do conhecimento.

A ideia de um ensino baseado na transmissão/recepção não permite que os formadores de professores levem em conta que esses professores façam parte do processo e que a formação de hipóteses por parte deles é fundamental. Freire (2010, p. 22) ilustra isso ao dizer que “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

A formação de professores deve ocorrer de modo a permitir que estes participem dos processos de decisão “do que” e “de como” ela ocorre de maneira a associar a teoria à prática nas possibilidades de alfabetização e letramento.

Na escola atual, há tanta diversidade de classe social, de cultura, de capital linguístico, como de estrutura familiar. Portanto não compete ao docente focar apenas um método de ensino, a exemplo do tradicional, acreditando que este é capaz de atender a todas as diferenças, para alcançar desse modo, a alfabetização, mas, sim, um docente com diversas estratégias para “driblar” todas as dificuldades, para assim, proporcionar aos alunos uma alfabetização significativa, considerando, nesse processo, o letramento discente.

Como contemplam os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) é preciso pensar sobre a escrita: “o que é” e “como a escrita apresenta a linguagem”. Ao serem utilizados métodos que privilegiam a repetição, não se incita os alunos a reflexão sobre a escrita, ao levantamento de suas próprias hipóteses e, a construção da sua autonomia, inclusive, de “errar” construtivamente, visto que, conforme a teoria do construtivismo, o erro é uma tentativa de acerto.

Neste sentido, ao ignorarem-se as hipóteses das crianças, relativas à temática da lectoescrita, o docente ignora a construção do conhecimento discente. Sendo assim, a escola terá que estar disposta a romper com o sistema convencional de ensino, partindo para métodos eficazes direcionados aos saberes dos docentes em diferentes níveis de aprendizagem. Afinal, o professor que acolhe seus alunos e respeita as diferenças, constrói um ambiente de igualdade e um melhor aprendizado.

Em 2008, a consultoria norte-americana McKinsey elaborou um estudo compilando o que os países com melhor desempenho em educação devem fazer para

atingir a excelência. Selecionar os melhores professores está entre as opções do trabalho. Essa medida começa a ser levada a sério pelo Brasil.

Para estabelecer parâmetros de qualidade na hora de escolher quem vai lecionar nossas crianças, o Governo Federal está criando o Exame Nacional de Ingresso na Carreira Docente, séries iniciais do Ensino Fundamental em todo o país. O intuito é promover a aprendizagem dos alunos para que possam desenvolver-se continuamente.

Sobre a formação desses educadores, de fato, não é mais possível dar aulas apenas com o que foi aprendido na graduação, ou achar que a tecnologia é coisa para especialistas. Trabalhar sozinho, sem trocar experiências com os colegas, e ignorar as didáticas de cada área, são outras práticas necessárias aos especialistas quando se pensa no professor do século 21. Planejar e avaliar constantemente, acreditando que o aluno pode aprender, por outro lado, é essencial na rotina dos profissionais.

Essa nova configuração no perfil profissional está embasada em medidas governamentais e em pesquisas sobre a prática docente e o desenvolvimento infantil.

Outro aspecto a ser considerado é que com a democratização do acesso à internet, no fim dos anos, 1990, passaram a ter nas escolas crianças que interagem desde cedo com as chamadas tecnologias de informação e comunicação, o que exige um olhar deferente sobre o impacto disso na aprendizagem.

Proporcionar atividades que se utilizem dessas tecnologias é imprescindível no contexto em que a informação e o conhecimento se tornam indispensáveis no desenvolvimento social. Não podemos nos esquecer de que esses estudantes conectados em tempo real têm uma relação diferente com o tempo e com o mundo, o que coloca desafios para a docência.

### 3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL I

As práticas pedagógicas de leitura e escrita além de estarem atentas ao tempo e ao espaço contemporâneos, precisam ser significativas, ligadas diretamente às vivências dos educandos.

#### 3.1 A aprendizagem por meio do processo de aquisição da leitura e da escrita

A fim de que os alunos das séries iniciais obtenham uma boa aprendizagem, é importante que, na sala de aula, a leitura e a escrita não sejam vistas como atividades secundárias, onde o professor só aplica as atividades quando sobrar um tempinho.

Existem várias maneiras de aplicar atividades de leitura e escrita nas séries iniciais, com caminhos diversos caminhos, isso ocorre porque nem tudo funciona da mesma maneira em turmas diferentes.

Vieira (2006) define ao espaço da biblioteca como sendo um lugar onde o aluno pode ter acesso a vários tipos de livros de todos os tamanhos, cores e formas, bem como pode manter contato com o lápis e o papel desenvolvendo assim a escrita. Com isso, a biblioteca também pode trazer para os alunos momentos coletivos de leitura, não só para nos aproximar dos textos, mas sobre tudo para aprofundar a sua compreensão.

Em muitas escolas o uso da biblioteca como instrumento de ensino-aprendizagem, muitas vezes não se apresenta, daí a necessidade da escola em realizar adaptações e mudanças temporárias.

A escolha do momento de leitura é um detalhe importante, é bom que a turma esteja em “forma” e não cansada ou com fome. Pode-se, por exemplo, pedir às crianças que se sentem no chão, à vontade, para depois começar a contar a história.

No cotidiano da sala de aula, professores buscam formas de tornar o ensino mais eficaz e também mais estimulante. Uma das alternativas é aliar o prazer e o divertimento à aprendizagem. Porém, nem sempre isso é fácil, mesmo porque os interesses e as solicitações das crianças são bem diversos, e não são todas as situações de ensino-aprendizagem que possibilitam um trabalho com dimensões lúdicas na escola.

O uso do dicionário em sala de aula é outra estratégia apontada por Vieira (2006, p. 34) “para desenvolver a leitura e a escrita na escola, ele pode ser usado no decorrer das atividades de leitura para ampliarmos nossos conhecimentos, sendo considerado um forte aliado no ensino-aprendizagem”.

O dicionário é um tipo de livro muito especial, porque nele está registrada uma grande parte das palavras da nossa língua, palavras que usamos e que já não usamos mais, palavras que são usadas em algumas regiões do país e não em outras, palavras muito usuais e palavras muito raras.

Desde muito cedo, os olhos curiosos das crianças exploram o mundo na tentativa de compreender o que está a sua volta. Nesse cenário o adulto desempenha papel fundamental: é pela sua mão e mediação que a criança se aproximará do desconhecido e desenvolverá novas hipóteses sobre a compreensão de algo ainda inanimado. Sem uma preocupação pedagógica prévia, a criança começa seu processo de aprendizagem.

Podemos inferir que a definição de aprendizagem remete a aquisição de conhecimento através de estudos, observações e experiências. A teoria de Vygostky (1984) acrescenta a essa definição a importância da interação entre os sujeitos na direção de um objetivo comum. Interagir é comunicar. No aprendizado da leitura e da escrita também está em jogo a interação, seja entre duas ou mais crianças, ou entre o adulto e a criança. O objetivo comum, nesse caso, é compreender o texto escrito e tirar conclusões sobre ele.

Inicialmente, a linguagem chega na vida da criança através da oralidade: para todo gesto há uma palavra. Isso remete ao fim de que a criança se aproprie do mundo dos objetos, se organize dentro dele e comece a perceber as funções da linguagem. As cantigas de ninar, os contos de fada e as cantigas de roda também participam, ativamente, dessa construção. Como produto sociocultural, o aprendizado da leitura, que seguirá a toda essa aproximação natural estreitamente ligado à realidade da comunidade de origem dessa criança.

Ao lermos um texto, (qualquer texto), “colocamos em ação todo nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa socialização primária, isto é, grupo social em que fomos criados”. (KLEIMAN, 1996, p.10).

Assim a leitura e a escrita só fazem sentido num contexto social onde as linguagens definidas socialmente e culturalmente influenciam seu processo de aquisição. Portanto, as atividades de leituras e escrita devem ser proporcionadas de

modo que as vivências sejam praticadas no contexto social onde o educando está inserido.

3.2 O trabalho com gêneros textuais: uma possibilidade inovadora da prática educativa junto ao processo de aquisição da leitura e escrita.

O estudo do gênero textual na escola, principalmente naquelas que trabalham com o Ensino Fundamental I e o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita, passa necessariamente por um processo de didatização da leitura; a estratificação dos níveis de proficiência se faz mais nítida, pois o aluno precisa organizar paulatinamente o conhecimento sobre os gêneros do discurso.

Deve-se considerar também que o estudo de gêneros permite, além de proporcionar um processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico, determinar o que deve ser buscado em um texto, o que implica tanto a mobilização de conhecimentos anteriores quanto a atitude de antecipações significativas para a leitura. Por exemplo, se o leitor sabe o que é um poema, terá maior facilidade para perceber escolhas próprias desse gênero (sonoridades, rimas, ritmos, jogos de palavras); se reconhece a organização geral de uma notícia, terá mais possibilidades de buscar e reconhecer no texto lido os elementos fundamentais desse gênero (quem, quando, onde, o quê, por quê).

Para Schneu Wly Dolz et ali (2004, p.179-180)

quando um gênero textual entra na escola, produz-se um desdobramento; ele passa a ser, ao mesmo tempo, um instrumento da comunicação e um objeto de aprendizagem. (...) Desse ponto de vista, os gêneros escolares podem ser considerados variantes dos gêneros de referência, que visam ser acessíveis ao aluno. De fato, a iniciação aos gêneros textuais complexos, como os gêneros orais públicos, não pode ser feita sem que se levem em conta as possibilidades dos aprendizes. (...) ele (o gênero) não é mais o mesmo, pois corresponde a um outro contexto comunicativo; somente funcionalmente ele continua o mesmo, por assim dizer, sendo a escola, de um certo ponto de vista, um lugar onde se finge, o que é, aliás uma eficiente maneira de aprender. Para controlarmos o melhor possível essa transformação necessária do gênero quando este se torna objeto a ser ensinado, dele construímos um modelo didático que evidencia suas dimensões ensináveis.

O trabalho com a produção de textos deve ter início desde os primeiros anos da escolaridade, com o objetivo de aprimorar a compreensão do sistema de escrita, bem como o funcionamento da linguagem. Desde as primeiras produções, os textos devem ter uma função e um sentido, ou seja, devem proporcionar condições para que o aluno se comunique e seja compreendido, para que perceba o papel que desempenha ao escrever. As práticas de escrita são produtos das diferentes esferas de atividade social e estão, portanto, atreladas às práticas de letramento que vão além do processo de produzir e compreender significados expressos graficamente.

No ensino da produção de textos, é importante apresentar uma diversidade de textos escritos e trabalhar com eles. A seleção dos textos a serem produzidos não pode se basear, apenas, em estruturas textuais (narração, dissertação, exposição, etc.), e/ou em estruturas funcionais (textos informativos, textos literários), mas também considerar quais gêneros textuais são familiares ao aluno e fazem sentido em seu cotidiano.

Para garantir um eficiente trabalho com a produção textual, é preciso propor atividades sequenciadas que, de certa forma, reproduzam para o aluno as diferentes etapas da produção: planejamento, elaboração e revisão. O escritor “experiente” poderá envolver-se nessas etapas de produção “naturalmente”; as vezes, até, abolindo algumas delas, se for o caso de escrever um gênero textual a que está habituado e que escreve cotidianamente.

Já para os alunos dos primeiros anos do Ensino Fundamental, essas etapas têm de ser objeto de ensino, de modo a se tornarem integrantes a atividade de produzir textos e, para isso, é fundamental que o professor atue como mediador, propondo estratégias para o planejamento, a elaboração, a revisão e a reescrita dos textos.

Conhecendo as potencialidades e as dificuldades de seus alunos, bem como, as orientações presentes no material didático, pode-se avaliar quais das etapas da produção precisarão ser modificadas ou quais etapas precisarão de uma intervenção mais sistemática. Isso é necessário porque, além de abordar as diferentes etapas da produção textual, também é necessário propor variadas modalidades de produção textual que, por exigirem habilidades diversas – em forma e em complexidade – auxiliam o pequeno escritor a atingir a proficiência. Assim são indicadas as atividades de transcrição, reprodução, decalque e criação.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da ideia de que a leitura e a escrita se constituem os pilares de toda aprendizagem humana, e, acreditando ser importante ter conhecimentos da fala dos pensamentos em referência a mecanismos adequados para se chegar a desenvolver habilidades específicas, cabe aos professores proporcionar transformações no processo de desenvolvimento da aprendizagem das crianças, principalmente nas séries iniciais resultando em boas leituras.

O estudo expresso no processo de leitura e escrita no ensino fundamental I, demonstra algumas necessidades de inovações no sentido e preparação em níveis qualitativos do professor, visando atender as necessidades da criança no contexto escolar. Sabe-se que a criança nas suas relações cotidianas entra em contato com uma variedade de informações que permitem ela criar uma leitura de mundo particularizada, e é nesse sentido que a prática pedagógica voltada à educação infantil deve se efetivar, oportunizando o alcance de níveis qualitativos de aprendizagem.

Durante a realização do trabalho pudemos perceber a importância das práticas pedagógicas para o aprendizado do aluno quanto a leitura e a escrita no ensino fundamental I, tendo em vista que, a partir delas o aluno se concentra mais nas atividades e absorve melhor o conhecimento, criando a base necessária para o aprendizado.

Infelizmente não houve tempo de realizar uma pesquisa aplicada com os alunos para avaliar o nível de aprendizagem, mas pode ser feita em pesquisas futuras.

O tema leitura e escrita nas séries iniciais, como uma proposta de ensino, está longe de ser esgotado. Outras questões com certeza podem ainda ser levantadas.

O importante é que na caminhada para uma verdadeira evolução de valores, saibam respeitar os direitos da criança na sua integridade, para que se realize como ser consciente, livre, responsável e capaz de participar nas grandes decisões a respeito do seu destino.

Sabe-se que a leitura é uma atividade que propicia a aprendizagem e integração de novas informações aos conhecimentos e experiências anteriores na construção dos significados.

A pesquisa nos proporcionou conhecer novos conceitos sobre o tema, como também melhorar minha prática como professora através de novas técnicas como apoio

para enfrentar a dificuldade de aprendizagem da leitura e escrita de meus alunos. E com certeza, minha sala se transformará em um ambiente motivado para o desenvolvimento da aprendizagem.

**REFERÊNCIAS**

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Tradução de Diana Lichtenstein et alii. Porto Alegre: Artes Medicas, 1988.

SMITH, F. Understanding Reading: A Psycholinguistic Analysis of Reading and Learning to Read. New York. Holt Rinehart and Winston, 1991.

FREIRE, M. 1982 *apud* PRINTES, Niara Carolina Cordovil Couto; BRITO, Ursula Melissa Araújo. O processo de Alfabetização e suas metodologias: Uma análise descritiva. Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Pedagogia da UNANA. 2002. CITAÇÃO INDIRETA.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: PAZ E TERRA, 2010

KATO, M.A. O aprendizado da leitura. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

KLEIMAN, Ângela. Leitura: ensino e pesquisa. 2. Ed. Campinas: Pontes, 1996.

LEAL, T.F. 2006, p. 06 *apud* LIMA, Maria de Fátima de Métodos que Auxiliam na Aquisição da leitura e escrita nos anos iniciais. Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Pedagogia da CSHNB. 2013. CITAÇÃO INDIRETA.

LEITE, S.A.S. (Org.) Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas. Campinas: Arte escrita, 2001.

LIMA, Maria de Fátima de. Métodos que auxiliam na aquisição da leitura e escrita nos anos iniciais. Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Pedagogia da CSHNB. 2013.

NICOLAU, A.P. Alfabetização sob o olhar da criança. São Paulo: Vozes, 1995.

NÓVOA, Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza dos práticos. Educação e Pesquisa, São Paulo. V. 25, n.1 jan|jun. 1999.

PARÂMETROS Curriculares Nacionais Língua Portuguesa. Brasília: MEC / SEF. 1997.

PIAGET, J. Aprendizagem e Conhecimento. In: PIAGET, J.; GRÉCO, P. *Aprendizagem e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974. [Apprentissage et Connaissance, 1959].

PRINTES, Niara Carolina Cordovil Couto; BRITO, Úrsula Melissa Araújo. O Processo d Alfabetização e suas Metodologias; uma análise descritiva. Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Pedagogia da UNANA. 2002.

PRODONOV, C.C. Metodologia do Trabalho Científico [recurso eletrônico] : Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodonov. Ernani Cesar de Freitas – 2. Ed - Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

Pró-Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem. – ed. rev. e ampl. incluindo SAEB/Prova Brasil matriz de referência/ Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. 364 p.

REGO, Lúcia. L. B. Descobrimo a língua escrita antes de aprender a ler: algumas implicações pedagógicas. In: KATO, M. (org.) **A concepção da escrita pela criança**. Campinas: Pontes, 1988, p. 105-35.

SCHNETZLER , R.P.; SILVA, L.H.A. Buscando o caminho do meio: A “sala de espelhos” na construção de parcerias entre professores e formadores de professores de ciências. Revista Ciências e educação. Bauru, Unesp. V. 6, n. 1, 2000.

SCHNEUWLY Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. Tradução e organização de: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOLÉ, I.; COLL, C. Os professores e a concepção construtivista. In: COLL, C. et al. O construtivismo na sala de aula. São Paulo: Ática, 2006.

VIEIRA, A.S. 2006 *apud* LIMA, Maria de Fátima, de Métodos que auxiliam na Aquisição da leitura e escrita nos anos iniciais. Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Pedagogia da CSHNB. 2013. CITAÇÃO INDIRETA.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.